

Montijo, a 19 de julho de 1985

UNIVERSIDADE DE EVORA

Arquivo FCS

01.88

Creio muito Ter passado algum Tempo, o Tempo
nunca é muito
apenas muito no seu sentido metafísico
ele se torna, - torna-nos - porque
o Tempo não tem memória de si mesmo (nós
temo-la dele? e de nós que estamos nele?)
- urge antes o Tempo ser ele próprio sem
conhecer os seus actores (nós?) - o Tempo urge,
o mar avisa-nos, o passado foi vezes ino-
biliza-nos, as horas tornam-se longe, sem
medida exclusiva, assim nós somos os que
não podem vêr a finitude do fim percepti-
vel - por isso o Tempo torna-se curto para
toda a vida de cada acto. E a vida julga-
-se descrita precisamente naquilo que fica,
mas ela não pode: Ela parte sempre e
por isso está mais naquilo que parte:
Vida/Morte: Vida sei que é aquilo que se des-
conhece; morte, não sei o que é, porque
ela é a única coisa que nos faz viver.
Depois neste nosso Tempo que é o de agora
quis primeiro avisá-lo, depois convidá-lo para
uma minha aventura/performance: sempre
síntese d'eu corpo, d'eu mais algo. Mas como
pretendi instalar num espaço ritual, para
uma sacralização dos metros quadrados que
me rodeavam, meu próprio corpo, afinal o cor-
po de um corpo interior, disseram-me não:
foram quatro professores na Escola de Belas
Artes quem acharam que a infelizmente
Santa imagem da Escola feizava, auto-retra-
taram-se no centro do medo que lhes
cabia e proibiram o meu ritual. Sugeriram-
-me a simulação do nú (mas eu nunca
quis erigir um Deus só do corpo, mas sim
a carne sem simulacros nem hesitações
da história que somos, afirmo-me obvia-
Te às "vísceras espirituais"); quis recuar

2) Adão e Eva num longo espaço aberto ao céu, à
chuva, ao luar; primeiro: primeiro profes-
sores não se mostraram disponíveis para
aceitar a morte (questão de horas extraordiná-
rias veja só) como único cenário, possí-
vel ou impossível para um jardim de
Delícias, para o fogo (destruidor/removador),
para o medo escatológico que nos consor-
te (faço a mínima ideia de: acerca do
grau de medo de Tudo, que os fura, que,
com eles, professores, fura na deles
intimidade), para a presença da nossa que-
da na queda de Adão e Eva, os primeiros
(re)anunciadores, no fim de contas, do
juízo Final, daquela que será a segunda
vinda do Filho do Criador, criado na obsce-
nidade da dúvida, na certeza dos alibis
(da virgindade), ou na convicção ferene
de uma presença sem tempo mas imensa-
mente de outros espaços, donde os sexos
da cópula guerreira - masculino/feminino -
são apenas pássaros invisíveis de Sol?
braços de Deus rumorejando silêncios per-
didos na escuridão da presença de luz,
braços de Deus sem sujeição às leis do sé-
vir crônico, braços sem matéria perce-
bida em direcção ao ventre de Maria, resplam-
decente de imemorialidades - no seu ven-
tre não existe princípio nem fim - Traz
dentro de si o juiz, aquele que será
a chama do juízo Final. Este ano desem-
hei um juízo Final, depois com uma
força que eu julguei manchada de Sol,
força de espada, libertei-me de um
passado mítico e "feudal", que oprimia
sempre e até uma certa altura, as minhas
criações, e, em seguida, (re)descobri um
passado ainda mais antigo que todos os ou-

3) Tiro e senti-me hoje dentro de hoje:
assim:
guerrilheiro urbano na horda primitiva: a
equação do equilíbrio: ei-la! a lição da
Pré-História, a manufactura da fedia foja-
da em metal não oxidável: compreendi
também que não posso substituir-me à
Natureza na criação das formas, mas posso, e
talvez deva, substituir-me a ela na cria-
ção de múltiplas significações, nos sím-
bolos do Homem, símbolos comunitários e
comunicantes, linguagens mentais univer-
sais, que só encontram paralelo na univer-
salidade cósmica da via das formas cria-
das pela Natureza, pela Mãe-Terra. Não
avisei, Cruzeiro Seixas, da minha Performance
porque não a pude realizar como queria, mas
que eu já explicitiei nesta carta. Foi no
dia 11 de julho de 1985 que ainda se poi-
biu a presença de um corpo sem disfarces,
mas eu quitei-lhes: os meus professores
ouviram de mim em voz viva, em subs-
tituição do corpo: "Assim sendo, em Terra
de indiferentes, como Almada Negreiros em
determinada altura se referiu à esta nação,
o corpo ainda é o escândalo do próprio corpo,
e prefere refugiar-se da sua própria exis-
tência, desdignificando a sua presença
absolutamente viva. Não acuso ninguém,
acuso sim o corpo de todos aqueles, ou mé-
lhor, os corpos, quer sejam eles enten-
didos no seu plano mental ou físico, da-
queles que ainda não experimentaram a
vermelência da coragem; quero dizer da cora-
gem de assumir a verdade de uma exis-
tência Total."
Depois de ler um manifesto contra a-

4) aqueles que me proibiam a minha presença como possuidor de um corpo, e, como consequência alargada, renegaram-se a eles próprios como agentes ~~de~~ físicos de um mundo em constante mutação, manifesto de que extraí este breve excerto, depois disto dizia eu, a minha performance prosseguiu com a queima de um Totem de 14×2 m, com a esperança convicta de que o fogo consumisse os últimos dias das verdades bifólicas, nele ^{Totem} simbolizadas como os olhares do Pai-Censor-Mór, e enchendo o fogo como elemento renovador que faria nascer das cinzas a verdade que valeria a pena ser vivida, parecida, muito parecida com a das crianças, com a das flores de vento ou com o vento das crianças em botões que despontará, "utopia" serena a minha, mas também peremptória. Depois o meu projecto e a ^{sua} apresentação prosseguiu numa sala escura, decorada por duas fileiras de velas acesas que conduziam a um altar onde se encontrava um minotauro de gesso. Também iluminado por velas; caminho das velas que era um percurso alegórico do Trajecto nascimento-morte, ~~assistendo~~ assistindo-se depois a duas sequências de diapositivos, intituladas respectivamente de: "Passos da Vida de Cristo, Juízo Final, Visões Apocalípticas e Nascimento do Novo Mundo", (sequência com uma perspectiva histórica, meio dogmática, meio herética, nascimento do novo mundo simbolizado por fotografia de um feto anónimo em um igualmente anónimo útero materno); "Nascimentos / Renascimentos, a Renova-

2) ção do Mundo, a Primavera, o Lugar da
Cópula e a "Sagração da Natureza". Tudo
isto apresentado com música de Penderecki,
os "Dies Irae" dos Requiem de Brahms
e Berlioz, a "Sagração da Primavera" de
Strawinsky e a Ode à Ressurreição da Sim-
fonia Ressurreição de Mahler a "acompanhar"
dezasseis diapositivos - série final - constituídos
por uma sequência de um facto, que conse-
gui obter por intermédio de um amigo.

Devo dizer que as coisas me correram assim
bem neste dia 11 de julho, apesar de ter vis-
to a primeira parte da minha Performance
como que censurada e digo que me corre-
ram bem, salvaguardando sempre as devi-
das distâncias, porque não deixei de qü-
tar a denuncia dessa censura, ficando assim,
e na mesma, com a consciencia serena,
porque denunciando, como denunciarei aberta-
mente, a hipocrisia de alguns, os obstá-
culos do caminho que tracei para me en-
contrar comigo mesmo, foram transpos-
tos, não sei bem se todos, apesar de muitos
deles terem sido acrescentados em quantidade
por alguém estranho ao processo da cele-
bração das verdades interiores que todos pos-
suímos; então compreendi que arte é mais
que expressão das nossas verdades interiores,
arte é também superação das bulas fanta-

siantes, pretensamente transformadas em
igualmente pretensas verdades por outros
sem escrúpulos, pretensas verdades que te-
rão de ser apagadas pelo fogo e pelo poder
da livre expressão interiorizada e comuni-
cada dos nossos anseios, do nosso consci-
ente livre, do nosso profundo in-
consciente, se quisermos. Concretizados

6) que foram, em certa medida de va-se dizer, alguns meus projectos este ano, agora que as aulas e a Escola já não me ocupam ou pressionam tanto as minhas capacidades de execução e Trabalho e Também de pensar, encontro-me de novo com outros ideais, de novo sucessivos novos projectos que não sei até que ponto serão concretizados: um deles, especialmente ou provavelmente "megalomano" (for exigir cerca de trezentos figurantes) Trata-se de um happening; outros ainda que gostaria Também de lhe contar ou descrever com a emoção e a veracidade possíveis, ambas as que são possíveis numa conversa oral; depois, é sabido, que oralmente, e muito loquaz ~~para~~ e precisa que seja a conversa, ela acaba por não ser tudo, porque os projectos realizados apresentam-se, apresentam-se e representam-se de uma forma única, impossível de descrever ^{e sentir} por vias que não sejam as suas próprias. Independentemente de todas estas sabidas circunstâncias gostaria de contactar de novo consigo, talvez se surgisse (a ambos) alguma(s) oportunidade(s) aquando de alguma visita sua a Lisboa ou passagem sua por estas bandas ou ainda numa passagem minha aí pela proximidade do Algarve, para uma visita rápida que seja, acaso o Cruzeiro Seixas me confiasse de novo a sua morada, ou seja, a morada para onde eu remeto esta carta, que não sei se ainda se mantém, ou então as suas várias disponibilidades para os referidos caso(s). Calculo Também que tenha deixado definitivamente a casa da Rua da Ameixoeira em Lisboa, já que se tornaram infrutíferas as minhas tentativas de estabelecer contacto consigo através do número

7) de Telefone habitual, que é o único que eu fasso.
A minha vivência durante este ano, que está prestes a Terminar, na Escola de Belas Artes Teve, apesar de Tudo, o seu lado gratificante, aliás Todo o Tipo de luta e desafios contra o "establishment" Tem sempre, para nós que ~~mas~~ as sustentamos, o seu lado moralizador e encorajador, quando nos acercamos de uma vontade e seriedade profundas e, já agora se me é permitido, profissionais, entendendo aqui por profissionalismo, o assumir até às últimas as nossas responsabilidades em relação às citadas vontade e seriedade. Não quero com isto dizer, assim abertamente, que eu seja um bom lutador, um feio paladino daquilo que merece a pena na vida (dono da Verdade absoluta) ou um feio guerreiro ao Serviço do Império de sua Majestade a transcendente Perfeição; mas, o facto é que inúmeras vezes me surpreendo no centro de inúmeras e inúteis (?), ou ridículas por vezes (em minha opinião são-mo), controvérsias estéticas ou éticas, como foi o caso da proibição de dois actores mais para uma "performance" que projectei e ~~delimitei~~ delimitei com seriedade; seriedade aliás confirmada pelos próprios "Agentes - ao - Serviço - da - Moral - Instituída - não - sei - como - nem - por quem - nem - porquê". Apesar destas ocorrências, o espaço da Escola ainda continua a funcionar como uma espécie de ateliers possíveis, apesar de por vezes a impossibilidade de lá trabalhar seja mais que flagrante, facto agravado pela constatação da ausência de espaço, quer no seu senti-

8) do físico quer mental, montro lugar que
não é da Escola. Depois esta ainda
continua a ser um sítio e uma
ocasião de experiências convincentes, por
que nós o exigimos, apesar da estag-
nação criativa e do paternalismo de
alguns docentes; nós o exigimos a nós
mesmos e à própria instituição que
nos envolve, que é quase uma
"mãe anacrónica", para não dizer pior.
E o pior (?) é que tudo parece valer a
pena se a nossa alma não foi peque-
na, como diz o Fernando Pessoa; e,
considerando as raízes do Tempo, daquele
o único que eu saiba, em que todos es-
tamos embarcados, a frase de Pessoa prová-
velmente será bem recebida por nós
como um princípio insofismável e immacu-
lado, podendo também não o ser; mas
então o ^{assim} ser aceite ou o não ser, o es-
paço da nossa luta e o seu destino
parece-me ser idêntico: recusarmos ~~o~~, cons-
ciente ou inconscientemente, a Tempora-
lidade de uma morte inexorável; a
nossa luta é febril mesmo sem saber-
mos que o é, somos actuates e res-
ponsáveis, guerrilheiros e conquistadores
do espaço intra-uterino dos Apocalipses
do Oiro e da eterna sabedoria; estes
ambos, constituindo os nossos ancestrais
familiares sem rosto para o percebermos,
mas...

"acendendo
uma paisagem
exagonal
maior que todas as janelas."

Creia-me com respeito e admiração.

Carlos Vidal T. Oliveira Casimiro

Carlos Vidal T. Oliveira Caseiro
R. Luís Calado Nunes 48-2.º Esg.
2870 Montijo



01.88

Artur M. Cruzeiro Seixas
"Caveirna" Sítio da Calçada-Cerrito-
8150 S. Braz de Alportel
ALGARVE

Carlos Vidal T. Oliveira Caserio

MINISTÉRIO DA CULTURA
DELEGACÃO REGIONAL DO SUL
Rua Vasco da Gama, 40
Tel.: 288 73 53 88 78 - 500 FARO

UNIVERSIDADE DE ÉVORA	
Arquivo JCS	01.88.01

Carlos

Com espanto recebi a sua carta. Que lindo dinossáurios alado voce me depoe nos braços ! Mas agora quasi tremo de terror sem saber o que lhe dizer sendo a pessoa mais impropria para o dialogo. Claro que nao tenho muito a ver com a historia de Adao e Eva que me desejo outra mitologia. Qual ? Nao sei--e é nesse nao saber que esta a definiçao mais completa que conheço embora recominosaente metafisica. Nao tenho certeza nem as quero. Escrevi um dia a minha raiva contra um mundo em que ha mestres e alunos. Parece-me que quando pomos uma laranja ao lado de outra laranja um leao ao lado de outro leao um homem ao lado de outro homem é que nos apercebemos da profundidade do despernhadeiro. Se pomos uma cadeira ao lado de uma vaca, um buzio ao lado de um tacho, um homem (Adao) ao lado de uma mulher (Eva) estamos a estabelecer diferenciagoes naturalmente grosseiras.

Envio-lhe uma especie de catalogo de uma especie de expo. que tive que aceitar a fazer (da tanto trabalho dizer que nao...) na inauguraçao do quartel dos bombeiros desta vila de S. Bras de Alportel onde encontrara talvez mais respostas, impossiveis, a estas minhas respostas. Maquinas chamam-se elas Adao e Eva arvore em flor ou disco voador estou farto. A minha chapelada para o Duchamp das "machines celibataires". Talvez por estar muito perdido no labirinto dos meus 66 anos e no outro mais festivo dos 85 anos do seculo das luzes nao sinto demasiado prazer em enganar os outros e menos ainda em me enganar a mim proprio. Abandonei a provincia (quero dizer Lisboa...) deixando a ser devorada pelo "glutões" de Olimpo.

Espero e desejo que leia direita esta carta que nao o pode ser. É com muita satisfacaõ que vejo o seu entusiasmo e principalmente as ligoes que dele advem. Creia que reli a sua carta. Muito e muito lhe agradeço ter se lembrado de mim.

O maior abraço do naufrago,

31-7-85



MINISTÉRIO DA CULTURA
DELEGACÃO REGIONAL DO SUL
Rua Vasco da Gama, 49
Telefs. 2 85 73 e 2 86 78 8000 FARO

UNIVERSIDADE DE FARO	10.8.10	20
----------------------	---------	----

Sua Referência

Sua Comunicação

Nossa Referência...../...../.....

ASSUNTO: